

## Apresentação

Em tempos de conflitos éticos e religiosos aparentemente insolúveis no Oriente Médio e na África, assiste-se, pelos noticiários, ao deslocamento de famílias inteiras que, expulsas de seus países, e impedidas de voltar, lutam pela sobrevivência rumo a outras terras onde esbarram com o fechamento das fronteiras com base em impedimentos, grosso modo, de ordem da nacionalidade. Tendo em vista o agravamento desse quadro, o tema do exílio, na atualidade, vem ganhando destaque nos estudos humanísticos contemporâneos, no Brasil e no exterior, sendo abordado, sob distintos pontos de vista, enquanto fenômeno moderno multifacetado, a englobar as figuras do estrangeiro, do migrante, do refugiado e do exilado.

A narrativa, recurso muito empregado não apenas pelos exilados, mas também por aqueles que passaram por outra ordem de experiência-limite, como a vivida em campos de concentração, responde pela necessidade de conseguir resgatar o sobrevivente “do sítio da outridade”, para falar com Márcio Selligmann-Silva. Assim como o exílio, o testemunho é um tema cada vez mais estudado, nos últimos anos, por estudiosos de diferentes campos do conhecimento, os debates, na área da teoria literária, abordando, entre outras questões, as fronteiras entre o literário, o fictício e o descritivo, assim também os limites e modos de representação.

Em sintonia com o clima de discussões em torno desses dois grandes temas, o volume 13, número 1 da revista *Patrimônio e Memória* apresenta o dossiê “Literaturas do exílio e de testemunho” com o objetivo de oferecer ao leitor uma gama variada de artigos nos quais se entrelaçam paradigmas conceituais, linguagem literária, experiências de exclusão e de sobrevivência.

O artigo que abre a seção “Dossiê”, “O proscrito satisfeito: as obras do exílio de Victor Hugo”, de Daniela Mantarro Callipo, analisa as obras do autor francês escritas durante ou após os anos em que esteve exilado (1851-1870) da França, período em que produziu seus livros mais famosos, nos quais repercute o protesto do autor de *Os miseráveis* contra o governo despótico de Luís Napoleão.

Kátia Aparecida da Silva Oliveira, em “O exílio republicano espanhol sob outra perspectiva: *La verdadera historia de la muerte de Francisco Franco*”, focaliza o conto do escritor Max Aub em que o exílio é abordado pelo ângulo do degredo espanhol no México, durante os anos da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), do qual fizeram parte pessoas de diferentes classes sociais e de distintas formações ou posições políticas, dentre as quais o próprio autor da obra em pauta.

“O regresso do exilado num conto de José Rodrigues Miguéis”, de Caio Gagliardi e Flávio Rodrigo Penteado, tem por objetivo analisar o conto “Regresso à cúpula da Pena”, do

escritor português, que por desentendimentos com o regime do Estado Novo voluntariamente rumou, em 1935, para os Estados Unidos, onde produziu o texto em questão, no qual o exílio se manifesta não como circunstância, mas como condição existencial.

Marina Ruivo, em “Exílio sem dor: uma leitura de *Quando chegar a minha vez*, de Giselda Laporta Nicolelis”, se detém no referido romance infanto-juvenil da escritora paulistana, com a intenção de apreender a forma pela qual regresso ao país dos exilados políticos pelo regime militar (1964-1985) é representado, do ponto de vista literário na obra, em que o trauma do exílio é figurado como experiência em que se ocultam o horror e o sofrimento.

A obra do escritor haitiano Dany Laferrière está no centro do artigo “A presença do exílio na literatura quebequense: escrita migrante e autonarração”, de Luciano Mendes, que investiga o tema do exílio com vistas a apreender o lugar do sujeito imigrante no sistema literário do (no) Quebec e as relações que se estabelecem no contexto das literaturas transnacionais.

A experiência de Primo Levi, prisioneiro no campo de concentração de Auschwitz, recuperada no livro *Si questo é un uomo (É isso um homem?)*, escrito quando de volta à pátria, é o foco do artigo “O testamento ético de Primo Levi sobre a zona cinzenta: um problema de julgamento e de representação”, de Lucas Amaral de Oliveira, que investiga o fenômeno da *zona grigia*, no interior da qual desponta a figura arquetípica do *Muselmann*, construção da máquina nazista.

A seção “Artigos” traz uma gama variada de temas e abordagens, a congregar diversas áreas do conhecimento, começando pelo texto “A abertura política e os processos de patrimonialização em Belo Horizonte: reflexões a partir de uma trajetória”, de Leonardo Gonçalves Ferreira, cujo objetivo é analisar as políticas patrimoniais da capital mineira, no período de redemocratização do Brasil, a partir da experiência profissional da diretora de um museu da cidade.

Ricardo Santhiago e Valéria Barbosa de Magalhães, em “A Zona Leste de São Paulo e a história oral: história pública, políticas de memória e pesquisa acadêmica”, investigam as iniciativas ligadas à memória da Zona Leste da cidade de São Paulo, nas quais repercutem ações comunitárias calcadas no emprego da história oral, com eco nas pesquisas das universidades situadas na região.

Em “Os oratórios domésticos: lugares de memória para os imigrantes japoneses em Santa Maria/RS”, André Luís Ramos Soares e Alexandra Bergueristain da Silva analisam o *Butsudan*, altar de culto doméstico, trazido pelos imigrantes japoneses, que se estabeleceram em Santa Maria, em 1958, como patrimônio imaterial e lugar de memória no sentido de manter vivos cultos e tradições da terra natal.

Luz Stella Rodriguez Cáceres, em “Pai Tertuliano, Vó Astrogilda e Pingo o Guardião: de memórias familiares a patrimônio”, estuda os objetos litúrgicos remanescentes de um centro de umbanda espírita, localizado no caminho do Cafundá na Serra de Vargem Grande do Rio de Janeiro, chefiado pela avó Astrogilda e pelo guia espiritual do terreiro, Pai Tertuliano, com vistas a apreender a trajetória de uma herança familiar para o âmbito do patrimônio público.

Em “Quadros sociais de memória’ na FAMEB. *Scientificismo* e civilização”, as autoras Tânia Regina Braga Torreão Sá e Lívia Diana Rocha Magalhães analisam, à luz do conceito de quadros sociais de memória, as “theses doutorais” apresentadas na Faculdade de Medicina da Bahia, nas quais repercutem a ideologia cientificista e civilizatória, em voga no século XIX.

“Vestígios de uma cidade moderna: textos e fotografias dos *Almanachs* de Pelotas (1913-1935)”, de Paula Garcia Lima e Francisca Ferreira Michelin, analisa um conjunto textual e fotográfico, publicado nos *Almanachs* de Pelotas, entre 1913 e 1935, com vistas a apreender as imagens da cidade riograndense enquanto expressão de modernidade, civilização e progresso, perspectiva que vinha ao encontro dos interesses dos setores dominantes da economia e da política local.

Fecham a seção os artigos “Porto dos cavalos e outros portos de João Cabral”, de Éverton Barbosa Correia, e “Ler Fernando Vallejo a contrapelo: escrita do eu e colonialismo residual em *La virgen de los sicários*”, de Anselmo Peres Alós: o primeiro se propõe explorar de que maneira um espaço público, Porto dos Cavalos, situado em antiga propriedade, que pertencia aos avós de João Cabral de Melo Neto, repercute como memória coletiva na obra do poeta recifense; o segundo analisa o romance do escritor colombiano na perspectiva dos possíveis diálogos que a obra estabelece com questões como autobiografia e violência.

Em diálogo com o tema do exílio, a seção “Documentos” publica o capítulo 4 da obra *O imperador no exílio*, de Afonso Celso, antecedido de rápida apresentação, de minha autoria, e que trata da morte da imperatriz Teresa Cristina, em 28 de dezembro de 1889, na cidade do Porto.

Finalizando esta edição, na parte dedicada à resenha, Regina Kohlrausch destaca o livro *A ponta do silêncio*, de Valesca de Assis, cujo tema central é a violência doméstica e o silenciamento da(s) vítimas femininas. Pelo ângulo da literatura, os dramas da existência humana são tratados com sensibilidade e delicadeza pela escritora gaúcha.

Sílvia Maria Azevedo

Editora